



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

LIDIANE GOMES DOS SANTOS

**O ABUSO SEXUAL NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ENTRE A
CONSTRUÇÃO LITERÁRIA E PARADIDÁTICA**

**CAMPINA GRANDE
2019**

LIDIANE GOMES DOS SANTOS

**O ABUSO SEXUAL NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ENTRE A
CONSTRUÇÃO LITERÁRIA E PARADIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Banca Examinadora da
Universidade Estadual da Paraíba, como
parte das exigências para a obtenção do
título de Graduação em Licenciatura em
Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Lidiane Gomes dos.
O abuso sexual na literatura infanto-juvenil [manuscrito] :
entre a construção literária e paradidática / Lidiane Gomes dos
Santos. - 2019.
31 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza
Neves, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Literatura infantojuvenil. 2. Abuso sexual. 3. Análise da
obra . I. Título

21. ed. CDD 401.41

LIDIANE GOMES DOS SANTOS

**O ABUSO SEXUAL NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ENTRE A
CONSTRUÇÃO LITERÁRIA E PARADIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 17/06/2019.
Nota: 9,5.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves - UEPB
(Orientadora)

Kalina Nara Guimarães
Profa. Dra Kalina Nara Guimarães - UEPB
(Examinadora)

PMQ Queiroz
Profa. Dra Rosângela Maria Soares de Queiroz - UEPB
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

À agricultora mais doce e guerreira que eu conheço, minha inspiração de mulher, a minha mãe Ivonete, por sonhar com essa minha conquista, por lutar pelos meus sonhos comigo, DEDICO.

“Ou não sabeis que vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus, e que, portanto vós não vos pertenceis? Fostes comprados por alto preço. Glorificai, pois a Deus em vosso corpo”.

A Bíblia (1 Coríntios 6, 19-20)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem 01.....	19
Figura 2 – Imagem 02.....	21
Figura 3- Imagem 03.....	23
Figura 4- Imagem 04.....	24
Figura 5- Imagem 05.....	25

LISTA DE ABREVIATURAS

ECA	Estatuto da criança e do adolescente
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SCNES	Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimento de Saúde

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
2	ROMPENDO O SILÊNCIO: VIOLÊNCIA E ABUSO SEXUAL	09
3	ASPECTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA EUROPA E NO BRASIL.....	11
4	A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA NAS OBRAS: “O ABRAÇO”, “SEGREDO, SEGREDÍSSIMO” E “NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!”.....	13
4.1	Breve resumo sobre a obra “O Abraço”, de Lygia Bojunga.....	13
4.2.	Violência, silêncio e morte interior em “O abraço”.....	14
4.2.1	Breve resumo sobre o livro “Segredo segredíssimo”, de Odívia Barros.....	18
4.2.2	Conversa de menina com menina: análise do livro “Segredo segredíssimo”.....	19
4.2.3	Breve resumo do livro “NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!”, de Andrea Viviana Taubman.....	22
4.3	A voz de uma criança: Análise do livro “NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!”.....	22
5	DO LITERÁRIO AO PARADIDÁTICO NAS OBRAS ESTUDADAS.....	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28

¹O ABUSO SEXUAL NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ENTRE A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA E PARADIDÁTICA

Lidiane Gomes dos Santos

RESUMO

Neste artigo realizamos o estudo das obras *O abraço* (1995), de Lygia Bojunga Nunes, *Segredo, segredíssimo* (2011), de Odívia Barros e *Não me toca, seu boboca!* (2017), de Andrea Viviana Taubman. As três obras abordam o abuso sexual praticado contra crianças. A análise tem como objetivo geral investigar de que forma cada obra trata o referido tema (escolha das palavras, focalização e ponto de vista, estrutura narrativa, aspecto simbólico/imagístico e tratamento das ilustrações). E como objetivos específicos: 1) avaliar a relação entre o caráter didático pedagógico e o caráter literário estético nas obras; 2) Identificar como a criança abusada e o adulto abusador são representados. Essa pesquisa é de caráter bibliográfico qualitativo, por meio da qual buscamos realizar uma leitura-interpretativa para mapear e explorar o objeto de estudo. Para fundamentar as discussões, recorreremos às contribuições de diversos estudiosos. Acerca da Literatura Infanto-juvenil, embasamos a discussão nos estudos de Cademartori (1991), Hunt (2010), Perroti (1986), Ricardo Azevedo (1998, 1999), Fernando Azevedo (2014), Farias (2008); Sobre abuso sexual, consultamos Costa (1997) e Moreschi (2018), entre outros.

Palavras-Chave: Literatura infantojuvenil. Abuso sexual. Caráter didático. Caráter estético.

RESUMEN

En este artículo realizamos un estudio sobre las obras *O abraço* (1995), de Lgia Bojunga Nunes, *Segredo, segredíssimo* (2011), de Odívia Barros y *Não me toca, seu boboca!* (2017), de Andrea Viviana Tauman. Las tres obras hacen abordaje al abuso sexual practicado con niños. El análisis tiene como objetivo general investigar de qué modo cada obra trata la temática mencionada (elección de palabras, evidencias y punto de vista, estructura de la narrativa, aspecto simbólico/imaginativo y el trato de las ilustraciones). Como objetivos específicos: 1) evaluar la relación entre el carácter didáctico pedagógico y el carácter literario estético en las obras; 2) identificar como el niño y el adulto abusador están representados. Esta pesquisa es de cuño bibliográfico y cualitativo, y por su medio buscamos realizar una lectura-interpretativa para trazar y explorar y mapeamiento el objeto de estudio. Para fundamentar las discusiones recorreremos a las contribuciones de diversos estudiosos. Sobre la Literatura Infanto y juvenil leemos los estudios de Cademartori (1991), Hunt (2010), Perroti (1986), Azevedo (2014), Farias (2008); Sobre abuso sexual fue consultado Moreschi (2018), Silva (2014), Costa (1997) y otros.

Palabras-clave: Literatura infantojuvenil. Abuso sexual. Carácter didáctico. Carácter estético.

¹ Graduanda de licenciatura em Letras Língua Portuguesa – Universidade Estadual da Paraíba - Campus I
E-mail: lidianegomessantos@hotmail.com

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A violência sexual contra crianças e adolescentes representa um problema mundial e deixa marcas psicológicas que repercutem na vida adulta das vítimas. Corresponde à situação em que a criança ou o adolescente sofre casos de assédio, abuso sexual, estupro e/ou encontra-se exposto a uma linguagem erótica, podendo ocorrer em espaço estranho ou familiar à vítima, que pode pertencer a qualquer classe social, religião ou etnia. O abusador pode ser uma pessoa estranha à vítima, mas na maioria das vezes, segundo as pesquisas, trata-se de pessoas próximas e até familiares aos abusados. As vítimas, de modo geral, sentem medo ou vergonha e, por isso, não conseguem falar sobre a situação vivida, dificultando a punição dos abusadores.

Segundo a *Revista online Crescer* (jan. 2019), o Brasil é o 11º no ranking mundial de abuso sexual e exploração sexual infantil. No entanto, não existem ainda práticas efetivas na maioria das famílias e escolas de discussão sobre a temática. O Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimento de saúde (SCNES) afirma que de 2014 a 2018 foram informados 184.524 casos de violência sexual. Entre este número 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45,0%) contra adolescentes. Entre as crianças, 51,2% estavam na faixa etária entre 1 e 5 anos. De acordo com Costa (1997), diante de alguns dados de 1996, relatórios não governamentais mostraram que no Brasil 9,1 milhão de crianças sofreram alguma violência sexual, sendo assim, há 23 anos os números já eram preocupantes. Como a sociedade e alguns governamentais que não aceitam que falem sobre sexualidade, querem privar às escolas da discussão sobre abuso sexual, sobre estupro? É nosso dever como cidadão e profissional da Educação esclarecer e informar os estudantes sobre a questão, como forma de prevenção. Neste sentido, nasceu o nosso interesse em analisar livros de narrativas ficcionais direcionados para crianças e jovens, que abordam o abuso sexual na infância.

As vítimas que sofreram abusos sexuais costumam ficar em silêncio por medo, já que inexitem ações posteriores à denúncia que garantam a sua integridade física. O jornal online da UOL (fev. 2019) noticiou o relato de uma jovem de 21 anos, de Salvador, que sofreu por mais de 8 anos abusos sexuais e torturas desde os 12 anos. Aos 13 anos ela denunciou o seu padrasto, mas o Estado não levou o caso para o Ministério Público, a jovem sofreu ameaças e retirou a queixa. Esse relato e tantos outros noticiados mostram que é preciso que a sociedade como um todo invista em práticas que possam ajudar no combate a essa violência, a ação social deve ser complementar à do estado. Frente a esta realidade, pretendemos nessa pesquisa averiguar a forma de abordagem sobre o abuso sexual presente em cada obra para de alguma forma contribuir para a leitura dessas obras nas escolas, cujo tema ainda é tratado como tabu.

Neste trabalho, intitulado “O abuso sexual na literatura infanto-juvenil: entre a construção literária e paradidática”, pretendemos analisar três livros: *O Abraço* (1995), de Lygia Bojunga Nunes; *Segredo Segredíssimo* (2011), de Odívia Barros; *NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!* (2017), de Andrea Viviana Taubman. Planejamos comparar as obras, analisando como se dá a construção literária sobre o abuso nestes livros. A análise tem como objetivo geral investigar de que forma cada obra trata o referido tema (escolha das palavras, focalização e ponto de vista, estrutura narrativa, aspecto simbólico/imagístico e tratamento das ilustrações). E como objetivos específicos: 1) avaliar a relação entre o caráter didático pedagógico e o

caráter literário e estético nas obras; 2) Identificar como a criança abusada e o adulto abusador são representados pela linguagem literária.

Para a análise das obras recorremos ao método qualitativo, por meio de uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, entre outros. Dentre os referenciais teóricos pesquisados sobre a questão da violência sexual contra crianças e adolescentes, destacamos: *Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2018)*; *Abuso Sexual, mito ou realidade, de Monteiro (2002)*, *Violência sexual e conselho tutelar: uma revisão sistemática, de Ribeiro Silva (2014)*; *Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes (2011)*; *Rompendo o Silêncio, de Costa (1997)*. No que diz respeito às especificidades dos textos de literatura infanto-juvenil, consultamos: *Literatura Infantil e Leitores da teoria às práticas, de Azevedo (2014)*, *Como usar a literatura infantil na sala de aula, de Farias (2008)*, *Literatura infantil: Teoria & Prática, Cunha (1987)*, entre outros livros e artigos.

Por fim, esclarecemos que o presente trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro contempla o que artigos e documentos oficiais apresentam sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes. O segundo capítulo apresenta aspectos históricos sobre a literatura infanto-juvenil na Europa e no Brasil e faz uma breve discussão sobre texto literário e paradidático. No terceiro capítulo, analisamos a construção literária nas obras selecionadas para este estudo. No quarto capítulo, sintetizamos as características literárias e paradidáticas presente nas obras.

2 - ROMPENDO O SILÊNCIO: VIOLÊNCIA E ABUSO SEXUAL

A violência sexual contra adolescentes, crianças, mulheres e homens é um problema de saúde pública, um rompimento dos direitos humanos e uma prática criminosa. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é criança a pessoa até 12 anos incompletos. A legislação brasileira e a Organização das Nações Unidas (ONU) identificam a criança como pessoa em situação particular de desenvolvimento, que deve ser vista pela sociedade como indivíduo que tem seus direitos legítimos e depende de uma atenção necessária da população, da família e também do Estado.

Segundo Moreschi (2018), apenas em 1924 criou-se a primeira normativa internacional que garantiu a proteção e os direitos específicos às crianças e aos adolescentes. Essa iniciativa direcionou-se para todos, não diferenciava raça, nacionalidade ou crença. Depois de algum tempo, surgiu a Declaração Universal dos Direitos humanos (1948) e também a Declaração dos Direitos da criança (1959), esta última determina proteção antes, durante e depois do nascimento.

No Brasil, a Lei nº 8.069, conhecida como **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**, foi criada em 13 de julho de 1990. O objetivo do Estatuto é reafirmar a proteção de pessoas que vivem em períodos de intenso desenvolvimento psicológico, físico, moral e social. Sua criação decorre, entre outros fatos, do resultado de estudos que apontaram as crianças e os adolescentes como principais vítimas de violência intrafamiliar ou extrafamiliar, sendo necessária a proteção integral dos direitos da criança e do adolescente como sujeitos de direito com proteção e garantias específicas.

No que diz respeito especificamente à questão do abuso sexual contra crianças e adolescentes, o ECA estabelece:

Art. 241-D. Aliciar, assediar, instigar ou constringer, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso:

Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Nas mesmas penas incorre quem:

I – facilita ou induz o acesso à criança de material contendo cena de sexo explícito ou pornográfica com o fim de com ela praticar ato libidinoso;

II – pratica as condutas descritas no caput deste artigo com o fim de induzir criança a se exhibir de forma pornográfica ou sexualmente explícita.

Art. 241-E. Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão “cena de sexo explícito ou pornográfica” compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição dos órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais.

O estatuto é bem claro no que se refere à violência sexual e representa a garantia com mais afinco dos direitos constitucionais das crianças e dos adolescentes. A violência sexual contra crianças e adolescentes é um problema mundial. Entende-se por essa agressão os casos de assédio, estupro, linguagem erótica, exploração sexual e abuso sexual. Para Ribeiro (2014), a violência sexual gera problemas psicológicos profundos, que se refletem no convívio familiar e na vida em sociedade. As ocorrências são geralmente nos ambientes familiares das vítimas, o que também dificulta o depoimento da pessoa abusada e o trabalho dos profissionais.

Segundo o Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimento de Saúde (SCNES), de 2014 a 2018 foram informados o total de 184.524 casos de violência sexual, sendo 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45,0%) contra adolescentes. Entre as crianças, 51,2% estavam na faixa etária entre 1 e 5 anos. Santos (2015) diz que a violência sexual descumpra o que está posto como direito na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 227, o qual determina que a criança e o adolescente tenham, com absoluta prioridade, o direito à vida, à proteção, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Além disso, estabelece a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado em assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem a proteção contra toda forma de violência, exploração e/ou agressão. Os dados sobre abuso sexual têm revelado que esses direitos não são respeitados pela sociedade como um todo.

Segundo Costa (1997), a exploração sexual é quando o agressor usa a vítima para atos sexuais visando a obter grandes financeiras, como por exemplo, o incentivo à prostituição, propagando a pornografia, seja ela adulta ou infantil e até mesmo a prática da escravidão sexual. Já o abuso sexual está relacionado a todas as formas de violência sexual, seja física, seja psicológica. A violência sexual é considerada por algumas pessoas como uma temática inadequada para ser discutida com as crianças e os adolescentes. Existem grandes barreiras sobre esse tema, cercado de tabus, que se tornam um verdadeiro “muro” para combater esse problema social, que viola os direitos do ser humano.

O abuso sexual é um tema delicado e atual, que precisa ser discutido pelas diferentes instituições. Filho (2002) compreende abuso sexual por uma conjuntura em que a criança, mulher, homem ou adolescente é usado para satisfazer sexualmente a uma pessoa, assentado em um vínculo de poder e dependência entre abusador e vítima. Pode conter contato físico, como por exemplo, relação sexual com penetração oral ou anal, mesmo que seja apenas uma tentativa e não com conclusão do ato, carícias nos órgãos genitais, íntimos, masturbação, estupro. Também se dá sem contato físico, como o assédio sexual, conversas sobre relações

sexuais com o intuito de despertar o interesse, exibicionismo, voyeurismo, observação dos órgãos íntimos, seja pessoalmente ou pela internet em sites pornográficos. Há, ainda, o incesto ato em que o abusador tem vínculo de parentesco com a vítima. Para Azevedo e Guerra, citados por Costa (1997, p.17), “condiciona-se chamar de abuso todas as formas de violência contra criança e adolescentes: física, psicológica e sexual”, que rompem a liberdade do ser vivo e violam todos os direitos dos seres humanos. Caracteriza-se por:

[...] um ato ou jogo sexual, em uma relação heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente, ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa. (AZEVEDO E GUERRA *apud* COSTA, 2002, p. 17).

Na maioria dos casos, as pesquisas mostram que o abusador aproveita-se da fragilidade das crianças ou dos adolescentes para despertar a sexualidade, gerando na vítima o sentimento de culpa pelo ato. O agressor é, muitas vezes, uma pessoa comum na sociedade, pode ser intrafamiliar, muitas vezes querida pela família da vítima, ou extrafamiliar, um vizinho ou mesmo um desconhecido. Para Costa (2002, p.19), “a relação de poder, dominação e opressão é o que move este agressor”, essa preferência por crianças determina que para o abusador esse ato sexual seja uma forma de poder e não se limitando a uma forma de prazer irrefreável; alguns dos abusadores já sofreram algum tipo de agressão sexual, porém, não justifica a prática desse crime.

Afirma Ribeiro (2014) que na relação da vítima e o agressor é estipulada uma comunicação perversa que tem como intuito ocultar, conturbar, intimidar e manter o poder através do silêncio. As pesquisas mostram que falar sobre o tema com as crianças e os adolescentes é ainda a forma de prevenção mais eficaz. Por isso, essa pesquisa buscou conhecer sobre a abordagem deste tema em livros ficcionais direcionados para a criança e o adolescente.

3 - ASPECTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA EUROPA E NO BRASIL

A literatura infantil surgiu na Europa no século XVII com a finalidade de educar moralmente as crianças. Os meninos e as meninas não tinham seu papel e direitos concretos respeitados até o século XVIII, nesse período eram tratados como adultos em miniatura. Os textos apresentavam uma estrutura maniqueísta, bem x mal; bonito x feio; forte x fraco etc. Dois autores são destacados neste período: Fenélon (1651-1715) e Charles Perrault (1628-1703). O primeiro começou a escrever para educar moralmente as crianças, em especial as meninas. No século XVIII, o escritor Charles Perrault coletou da tradição popular camponesa textos que abordavam, por meio de fantasia, costumes e valores da sociedade, que ficaram conhecidos como os *Contos da Mamãe Gansa*.

No Brasil, a literatura infantil chegou apenas no final do século XIX, em um período de extremas mudanças, com abolição dos escravos em 1888, um ano depois o fim da monarquia com a proclamação da república.

Cunha (1987, p.20) ressalta que “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”.

Predominavam nas narrativas e poemas adaptações de textos europeus marcados pela perspectiva maniqueísta.

De acordo com a estudiosa Cademartori (1991), a literatura direcionada às crianças no Brasil com características nacionais tem início com Monteiro Lobato, que além de incluir a flora, fauna e as tradições brasileiras, priorizou a imaginação e a fantasia das crianças. (CADEMARTORI, 1991).

Depois de Lobato, de acordo com Farias (2008), os textos direcionados para o público infantil nos anos 1930 eram, na sua maioria, historietas apenas com o intuito moral para ensinar aos leitores questões de valores sociais da época, conhecidas como historietas moralizantes tradicionais. Estes textos mostram as ordens dos adultos que as crianças deveriam seguir e apontando as consequências das ações cometidas pela criança, resultando em uma punição. Eram livros assim a que meninos e meninas tinham contato, podemos concluir que não se tratava de literatura, apenas textos formadores. Para a estudiosa, essa produção moralizante ainda existe atualmente, voltada para os temas transversais. Tais temas foram propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e compreendem seis áreas: Ética, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo.

Na atualidade, segundo Ricardo Azevedo (1998), há uma variedade de livros direcionados ao público infantil, oferecidos pela indústria editorial. Ele categoriza esses livros em cinco tipos: os didáticos, os paradidáticos, livros-jogo, livros de imagem, literatura infantil. Para este trabalho nos interessa especificamente o que ele classifica como livro paradidático e livro literário infantil. O primeiro caracteriza-se por apresentar: “informações objetivas que, em resumo, pretendem transmitir conhecimento e informação. Em geral, abordam assuntos paralelos ligados às matérias do currículo regular, de forma a complementar os livros didáticos.” Azevedo ainda destaca que:

Em outras palavras, mesmo lançando mão da ficção e da linguagem poética, os livros paradidáticos têm sempre e sempre o intuito final de passar algum tipo de lição ou informação objetiva e esclarecedora. Como nos didáticos, ao terminar de ler uma obra paradidática, todos os leitores devem ter chegado à uma mesma e única conclusão. (AZEVEDO, 1998, p.3).

O literário infantil para Azevedo caracteriza-se por um viés contrário ao didático pedagógico:

[...] tem motivação estética (ou seja, em princípio não tem utilidade fora buscar o belo, o poético, o lúdico e o prazer do leitor); não é, portanto, utilitária (é “inútil” no sentido de que, objetivamente falando, não serve para nada, nem pretende ensinar nada); recorre ao discurso poético (quer dizer, preocupa-se com a linguagem em si, com sua estrutura, seu tom, seu ritmo, sua sonoridade); vincula-se à voz pessoal, à subjetividade, ao ponto de vista inesperado e particular sobre a vida e o mundo (note-se que no livro didático a visão pessoal é substituída pela perspectiva impessoal, enraizada em valores pré-determinados e consensuais) [...] (AZEVEDO, 1998, p.5).

As obras selecionadas para análise neste trabalho abordam uma questão problemática que envolve as crianças, trata-se do abuso sexual. Nessas obras contemporâneas às crianças muitas vezes continuam subjugadas, exploradas, sem voz. A mesma realidade de muitas crianças da atualidade que sofrem por maus tratos, violação de direitos, são exploradas em trabalho infantil e abusadas sexualmente mesmo em pleno século XXI, assuntos que pouco são abordados com as crianças e os jovens.

Riche (1999, p.129), no texto *Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/contexto/caminhos/descaminhos*, afirma que “a cena urbana pós-moderna é incontrolável, múltipla, cheia de fragmentos e particularidades”. Para a estudiosa, nessa era contemporânea, a literatura infanto-juvenil tem problematizado os discursos de opressão e mostrado que as pessoas estão em busca da identidade ética, de gênero, social no contexto que estão inseridas.

As obras são escritas de forma que alcança o leitor, trabalhando a subjetividade a partir de um realismo estético, isto é, textos que oferecem retratos da “realidade” enquanto participam da cultura do espetáculo e do entretenimento. (JAGUARIBE, 2006).

Uma literatura que também disponibiliza espaço e voz para as minorias sociais, unindo a ficção com o contexto real da sociedade, abordando temas polêmicos que a sociedade não discutia abertamente, usando uma linguagem adequada mediante o seu público alvo. Percebemos essas características na obra “O Abraço”, na qual é abordado o assunto do estupro, uma violência sexual pouco abordada para o público infantil e juvenil, por ser tratar de um crime cruel e também por que exige que se fale sobre sexualidade.

A escritora Lygia Bojunga Nunes apresenta em suas obras questões sociais e suas personagens têm uma forte carga emocional, sofrem repressão, são representações da população que sofre no país. Nos seus textos, Bojunga questiona os preconceitos e a violência na sociedade. Os seus livros relacionam o mundo ficcional da infância, sem perder a ligação com mundo real, aliás aponta para um contexto da realidade bem conflitante. Afirma Cademartori (1991, p.64) que “a autora apresenta como valores a inventividade, o companheirismo e o diálogo”; em suas obras ela dá voz a crianças e jovens, que muitas vezes são impedidos de se expressarem plenamente.

Em “O Abraço” Bojunga aborda o estupro, obra que na sequência vamos analisar juntamente com outras duas narrativas ficcionais direcionadas para o público infanto-juvenil, são elas: *Segredo, segredíssimo*, de Odívia Barros e *Não me toca, seu boboca!*, de Andrea Viviana Taubman.

4 - A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA NAS OBRAS: “O ABRAÇO”, “SEGREDO, SEGREDÍSSIMO” E “NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!”

Breve resumo sobre a obra “O abraço”, de Lygia Bojunga

O livro “O abraço”, de Lygia Bojunga Nunes, foi publicado originalmente em 1995. A obra narra a vida de Cristina, uma jovem de dezenove anos que mora no Rio de Janeiro, e que relata o estupro sofrido quando ainda era uma criança de oito anos. Cristina narra em 1ª pessoa os principais acontecimentos. Em determinado momento, no entanto, ainda em 1ª pessoa, a narradora passa a ser a personagem-escritora, uma interlocutora com quem a personagem Cristina estabelece um diálogo ao longo da narrativa. Já no final da narrativa, o foco muda novamente: não se tem nem a voz de Cristina, nem a da personagem-escritora, mas a de um narrador em 3ª pessoa.

O livro tem uma característica de desabafo. A personagem começa a relatar sobre o que tinha ocorrido em sua vida aos oito anos, quando sofreu violência sexual pelo abusador denominado por ela de “Homem-Água”, em uma fazenda de Minas Gerais. A menina viajou com a família para a fazenda de sua tia e nesse local,

ao lado do rio, ela é abordada pelo homem que a levou para um casebre. O relato é dito metaforicamente e por meio de um flashback.

A Cristina mulher narra suas lutas internas, suas dúvidas em relação ao estupro. A personagem não enxerga a violência que sofreu como crime, mas em seu inconsciente guarda as agressões. Jorge, um amigo, sugere que ela comemore o seu aniversário de dezenove anos em uma festa temática em que os convidados encenam uma obra, textos da literatura, na qual ele iria apresentar o conto “O Abraço”. Na festa, durante a encenação do conto, os personagens conhecem a mulher mascarada de Veneza. Cristina sente uma imensa vontade de conhecer melhor essa mulher misteriosa. Quando elas começam a conversar, a mulher logo demonstra que já conhece Cristina, aparenta ser a sua amiga de infância Clarice, desaparecida quando a protagonista tinha sete anos. Com esse encontro Cristina começa lembrar dos acontecimentos da infância e assim, narra o seu estupro.

O abusador é caracterizado pela personagem como um homem comum, e volta a encontrá-la como um palhaço de circo. Ela se sente atraída pelo abusador e o inesperado acontece, eles mostram ter um vínculo de atração e se beijam. O livro termina com uma atmosfera de mistério e morte. O palhaço atrai Cristina para uma festa onde a estupra novamente e, com uma gravata, sufoca-a supostamente até a morte.

Nesse livro, Lygia Bojunga aborda essa temática polêmica de maneira dramática e angustiante. A obra mostra as confusões internas que podem ocorrer com a vítima que sofreu violência sexual. Depois desse breve resumo sobre a obra, vamos agora fazer uma análise do livro com base na nossa interpretação fundamentada em estudos referentes à literatura infantil e ao abuso sexual, principalmente na infância.

Violência, silêncio e morte interior em “O abraço”

Na obra “O Abraço”, a narradora é Cristina, personagem principal. Outros personagens secundários surgem como Clarice e Jorge. Cristina narra em 1ª pessoa os principais acontecimentos, no entanto, ainda em 1ª pessoa, a narradora passa a ser a personagem-escritora. Já no final da narrativa, o foco muda para um narrador de 3ª pessoa. A jovem revela dificuldades em relatar o seu passado, narrando a sua história em um tempo cronológico, mas que em alguns momentos o enredo aparece em tempo psicológico. Alguns acontecimentos dessa obra são apresentados para que o leitor interprete de sua forma, esse texto não se tratar de uma literatura que apresente um desfecho de uma determinada situação, “a narrativa contemporânea nem sempre é linear, torna-se fragmentada, ganha um tom memorialista” (RICHE, 1999 p.132), narração que envolve o passado de Cristina e o seu presente agora na juventude por meio de um flashback. O tom é de desabafo na tentativa de expressar o que a aconteceu na infância, mas ela não consegue inicialmente dizer que sofreu violência sexual: “[...] quando eu tinha oito anos eu fui estu... não, pera aí, não: vamos deixar isso pra depois” (NUNES,1995, p.7).

Na nossa pesquisa encontramos referências e dados que indicaram que grande parte das pessoas vítimas de algum tipo de violência sexual não desabafa o ocorrido com as autoridades ou com alguém mais próximo, existe um medo que se torna uma barreira para combater esse crime. Assim, a personagem na obra em estudo cria como uma autodefesa para o sofrimento vivenciado apagando do consciente a situação traumática vivida. No entanto, a forma que a personagem

apresenta-se, sempre sozinha, isolada, e o modo de falar denunciam a dificuldade de lidar com a situação.

Na apresentação do contexto de sua vida ela narra de maneira fragmentada os momentos vividos. Inicia comentando sobre como comemorou o seu aniversário de dezenove anos, ela não saía para os lugares, preferia ficar em casa no seu quarto, “ando. Ando enfurnada, sim; num parafuso medonho” (NUNES, 1995, p.85). Os estudos apontam que quem sofreu abuso sexual ou outra forma de violência sexual prefere o recolhimento, uma forma de proteção contra os problemas e a realidade da sociedade, prefere ficar isolada, mas a personagem, impulsionada pela ajuda de seu amigo Jorge, resolve sair para uma festa temática com seus amigos, para a qual se fantasiariam de personagens de um conto da literatura brasileira. O conto escolhido por Jorge foi “O Abraço”, uma clara relação criada pela autora Lygia Bojunga para citar o tema abordado no livro.

Nessa apresentação do conto na festa, seus amigos não falaram sobre a personagem Morte, uma misteriosa mulher fantasiada de mulher de Veneza que surge na narração, “[...] máscara branca muito estranha, aquele chapéu preto de três pontas, o véu de renda, tudo igualzinho” (NUNES, 1995, p.9) e com isso os conflitos e memórias de Cristina ficam ainda mais fortes, aquela mulher tão marcante apresenta a dor de várias mulheres, a morte que chega em silêncio violentando o corpo, o íntimo do ser, sua máscara esconde as várias faces. Cristina fica fascinada pela postura, as cores, o jeito dessa mulher: “essa vestimenta, esse contraste assim tão forte do preto e do branco me fascina mesmo” (NUNES, 1995, p.11), Cristina desde a infância pesquisava sobre Veneza, a mulher misteriosa conhecia Cristina: “[...] a gente brincou junta quando era criança. – Disse isso e me abraçou” (NUNES, 1995, p.13). O abraço que trouxe as lembranças guardadas pela mulher Cristina, que afetaram a infância daquela menina voltam e inquietam o presente que ela está vivendo, questões do passado que não foram resolvidas, dentre estas, o desaparecimento de sua única amiga de infância e o estupro, do qual Cristina foi vítima.

Para Costa (1997, p.17), “condiciona-se chamar de abuso todas as formas de violência contra criança e adolescentes: física, psicológica e sexual”, mas é dito pela narradora que Cristina sofreu um estupro, entendemos que estupro é caracterizado como o ato de constranger alguém a ter uma relação sexual com penetração ou outra prática de ato libidinoso, a personagem quando criança sofreu abuso sexual e também estupro, percebemos isso pelo que foi relatado pela menina, ao ser acariciada pelo agressor e que ao ser abraçada pelo homem ficou paralisada como se estivesse morta e apenas no outro dia acordou.

O abuso sexual e o estupro são abordados na obra pela simbologia do abraço, usado como metáfora da penetração no ato do estupro. Em outro momento, o abraço é representado como refúgio e amparo quando a mãe abraça-se a Cristina. Quando a mulher misteriosa abraçou Cristina, ela ficou inquieta com as perguntas do passado e os sofrimentos de sua infância, sua amiga Clarice tinha desaparecido aos sete anos e isso marcou profundamente a vida de Cristina, “[...] o abraço era o mesmo que a Clarice tinha me dado” (NUNES, 1995, p.13). A mulher misteriosa cujo nome é o mesmo da amiga de infância de Cristina, prenuncia o destino da protagonista, ou seja, a morte.

A personagem queria voltar ao passado e resolver suas questões internas. Ao ler o título da obra de início podemos imaginar que se trata de uma narração sobre o abraço como forma de afeto, carinho, amor, mas o abraço é apresentado como algo doloroso, que fere a vítima.

Observando a capa que foi produzida por Rubem Grilo, uma ilustração de uma mulher distorcida em tons escuros, com chapéu em formato de serpente, rodeada de mãos tentando tocá-la, podemos interpretar que essas mãos representam o abuso, por meio das quais os agressores realizam toques e avanços sem permissão da outra pessoa na tentativa de estimular ou paralisar a vítima. Com base nos estudos sobre abuso sexual, sabemos que a vida da vítima é violada, tanto fisicamente como psicologicamente, resultando em dificuldade de relacionamentos, “[...] quanto mais frequente e persistente, piores os problemas psíquicos, comportamentais e de relacionamento” (ADED, 2006, p.3).

Depois desse encontro, Cristina fica mais inquieta, ela demonstra interesse em desabafar o que atormenta a sua vida, mas ela não consegue. Clarice é a oportunidade de reencontro com sua amiga e também de se livrar de toda dor, em alguns momentos parece que é uma projeção criada pela personagem querendo voltar no passado, encontrar sua amiga.

Cristina acredita que a mulher mascarada é a amiga que foi sequestrada e possivelmente morta quando criança e, assim, com esse encontro poderá perceber que ela também foi vítima de um crime, “eu fiquei quieta assim, porque... tá difícil, sabe, tá difícil de mexer nisso; tá meio ruim de botar pra fora uma coisa que, ah, sei lá! Uma coisa que eu passei tanto tempo resolvida que ia ficar dentro de mim” (NUNES, 1995, p.14). A vítima não consegue expressar a dor que passou e o silêncio é usado como uma ferramenta de defesa, calar é a primeira ação de quem sofreu abuso, principalmente, quando o abusador tem vínculo de parentesco.

A personagem misteriosa da narrativa aparenta ser a amiga de infância de Cristina. Assim como a personagem principal, ela também sofreu abuso sexual, desapareceu em uma viagem e foi vista conversando com um homem na praia. As duas amigas demonstram uma ligação forte de amizade e ambas apresenta na obra que sofreram de violência sexual, que marcaram a vida delas e que depois de dezenove anos reflete na mulher que Cristina se tornou.

No segundo momento do livro, Cristina demonstra está sentindo confiança na sua interlocutora, uma pessoa também chamada Clarice com quem a protagonista dialoga. Podemos refletir que na realidade também é necessário à vítima ter confiança para conseguir desabafar o ocorrido, relatar para alguém que tenta entender a dor que ela está sentindo: “pera aí, deixa eu beber água. Pronto” (NUNES, 1995, p.15), a fala da personagem representa um desabafo com alguém, uma pessoa que não foi apresentada na narração.

No desabafo, Cristina narra sobre o espaço onde ocorreu o abuso: “foi quando eu estava assim, debruçada na areia, que eu tive a sensação de alguém por perto. Me virei. Pareceu que um homem estava sumindo atrás de uma árvore” (NUNES, 1995, p.17), outros espaços são apresentados na narração, como Rio de Janeiro, o lugar da festa onde a personagem Cristina comemorou o seu aniversário, o circo onde marcou encontro com o agressor.

Segundo os estudos que realizamos, é comum o agressor, antes do ato, planejar como fará o abuso, ele rodeia a pessoa, até que consiga ter a confiança da vítima ou também em um momento surpresa nas ruas, praças e até mesmo em lugares de trabalho. No conto, o agressor observou a menina e então se aproximou:

eu estava de cara mergulhando na água, e de olho bem aberto esperando um peixe passar, quando eu senti alguém segurando firme o meu braço. Desmergulhei. Tinha um homem ajoelhado ao meu lado, me segurando feito coisa que não era mais pra eu escapar. Mas primeiro eu vi ele na água, entende? Refletindo na água, e por um instante (muito instante e muito

forte) eu tive a impressão de que ele era um homem feito de água. Depois é que eu virei a cabeça. (NUNES, 1995, p.17).

Em um movimento rápido ele aborda a menina e ela não sabe como reagir. Quando ela o chama de Homem-Água podemos pensar que ao vê-lo na água conseguiu então enxergar no reflexo transparente da água a fisionomia, um homem normal que aparentemente não a machucaria, “o Homem de água estava me olhando com força, podia ter uns trinta anos” (Nunes, 1995, p.17).

O abusador (re)vela que já violentou sexualmente outras crianças, pois em determinado momento chama Cristina de Clarice: “-Menina bonita feito você se chama Clarice” (NUNES, 1995, p.22). Podemos perceber que esse personagem tem marcas fortes de um pedófilo, obcecado por crianças. Para Serafim (2009), existe uma denominação para os agressores sexuais que apresenta preferir uma determinada característica de vítima, que tendem a violentar apenas mulheres, homens, crianças, conhecido como molestador preferencial. Nessa obra o agressor agrediu uma criança, apresentado pelo teórico como pedófilo, que acredita que apenas irá suprir seus desejos sexuais se a sua vítima for uma criança. Esse agressor tende a ser violento fisicamente, que pode chegar até um homicídio.

Outro aspecto observado no conto é que o abuso acontece no interior, onde muitas vezes os casos são escondidos pela população por vergonha, por medo, principalmente, quando envolve familiares. Por causa da falta de denúncia, os agressores violam os direitos, o corpo da vítima e ainda saem impunes podendo agredir sexualmente outra pessoa.

Pela fala do abusador no livro, podemos interpretar que ele já tinha encontrado Cristina, representação das outras crianças, mulheres que foram abusadas. Ele queria repetir o crime: “-Mas agora vai ser bom de novo, não vai?-desenrolou a gravata. –Você não vai gritar de novo, vai? (Nunes, 1995, p. 20). De maneira violenta, ele leva a menina para o casebre em uma mata, no início ele tenta demonstrar confiança, persuadindo a menina, mostrando que já a conhece, mas quando percebe que ela entendeu a sua real intenção, ele mostra poder usando sua força, “[...] Ele me arrastou. Gritei. E mais que depressa ele tapou a minha boca. Mordi a mão dele. Ele se ajoelhou, me puxou e me mordeu também na boca” (NUNES, 1995, p.19).

Nesse livro, o estupro é representado pelo abraço, “[...] e me abraçou mais forte que das outras vezes, e entrou mais forte dentro de mim” (NUNES, 1995, p.23), afirmando que houve a penetração sexual.

Outro aspecto que podemos analisar em comparação com a atualidade é o momento quando a menina volta para casa, ao ser questionada sobre o que havia acontecido, a mãe intervém e não deixa Cristina relatar, não quis encarar o fato. Na época, a menina fica sem entender que era vítima de um crime, o estupro. Para Costa (2002), esse silêncio provocado pelo medo pode resultar no isolamento da criança, que se sente aprisionada pelo medo, pela dúvida e pela culpa: “[...] a cara era muito atraente (será que foi por isso que, no princípio, eu não me assustei?)” (NUNES, 1995 p.17). Às vezes o próprio abusador tenta levar a vítima a pensar assim, senti-se culpada pelo ocorrido.

No livro “O Abraço”, o gesto de abraçar do agressor simboliza o uso abusivo do poder pela força, que leva a uma morte existencial, “-Você morreu no abraço que ele te deu? –Morri” (Nunes, 1995, p.27). Naquele abraço a infância foi rompida, o passado ficará refletindo no futuro e é, por isso, tão importante a atenção psicológica a quem sofreu abuso.

Na narrativa de Lygia Bojunga, o processo terapêutico ocorre por meio do sonho no qual, a Clarice, amiga de Cristina da infância, aparece como uma mulher e abraça a personagem para que assim ela reelabore o que aconteceu. Porém, diante da dolorosa lembrança, as imagens mostram-se vagas: “meses depois o esquecimento era total. Feito coisa que o Homem da água nunca tivesse passado pela minha vida” (NUNES, 1995, p.30).

No momento do reencontro das duas amigas, Cristina passa a sentir-se segura para desabafar sobre o estupro e relatar que ela encontrou novamente com o agressor, “e nessa hora a fazenda de Minas acordou dentro de mim. Com tanta força que doeu. Doeu!” (NUNES, 1995, p.33). Com a maturidade, Cristina demonstra entender que foi vítima de um crime violento na infância, e resolve buscar respostas, pois o estupro que ela sofreu estava refletindo na mulher que ela se tornou. A culpa começa a surgir e ela se sente ou acha que está atraída pelo homem fantasiado de palhaço. Agora ele aparece de máscara, em um dado momento da narrativa eles se beijam, a sexualidade daquela mulher estava em conflito com o que ele estimulou nela na infância.

A amiga Clarice ao ouvir o desabafo de Cristina sobre o envolvimento com o estuprador, indigna-se: “[...] não é porque você só tinha oito anos, podia ter dez, vinte, cinquenta, cem, não importa! O que importa é que não existe perdão pra quem arromba o corpo da gente” (NUNES, 1995, p.43). O “muro do silêncio” mesmo no século XXI esconde a situação e crimes assim são repetidos, “-você e todos que calam, que perdoam, que esquecem um crime assim são cúmplices de um crime” (NUNES, 1995, p.47).

O livro termina com uma narrativa forte, uma crítica para a sociedade sobre abuso sexual e a impunidade desse crime. Com o reencontro de Cristina com o palhaço de circo, que aparenta ser o abusador que a agrediu na infância, ele conseguiu inquietar a personagem de forma que as emoções de Cristina ficam confusas. Ela vai para uma festa a convite da mulher mascarada de Veneza, personagem que simbolicamente representa a morte. Nesta festa Cristina é estuprada pelo mesmo agressor que a violentou na infância, “[...] o corpo todinho dele vai pressionando Cristina pra mata. derruba ela no chão. Monta nela. O escuro toma conta de tudo” (NUNES, 1995, p.55). Com isso há uma denúncia na obra de que outras “Cristinas” e “Clarices” poderão sofrer esse cruel crime.

O final do livro não tem um desfecho claro do que aconteceu com a personagem, pois na literatura contemporânea “as obras propõem situações a serem resolvidas pelo leitor de diferentes modos ao invés de oferecer-lhe soluções com respostas fechadas” (RICHE, p.132, 1999). A protagonista teria sido morta? Parece que sim. Neste livro a violência sexual é tratada de forma metafórica e ao mesmo tempo realista. Como destaca Ricardo Azevedo (1998, p.4) referindo-se a outro livro de Lygia Bojunga, no caso *A bolsa amarela*, que “aborda assuntos onde não cabe a lição objetiva. Ensinar o quê? São emoções, são impressões, sonhos e desejos da personagem. Trata-se, isso sim, de uma especulação singular e poética a respeito da busca do sentido da existência”. Percebemos que esta produção configura-se como literatura que encanta e amplia as referências estéticas e culturais dos leitores. Com um discurso poético no sentido que a autora conseguiu mostrar, na estrutura ficcional do livro, os assuntos que permeiam o abuso sexual, os silêncios, a dificuldade da vítima em desabafar a agressão, também de compreender e organizar os próprios sentimentos.

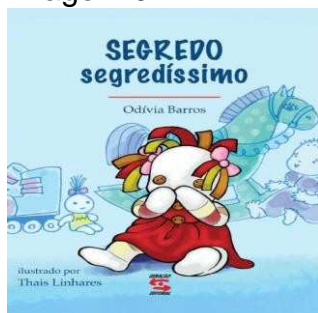
Breve resumo sobre o livro “Segredo segredíssimo”, de Odívia Barros

O livro *“Segredo segredíssimo”* é da autora Odívia Barros. Ela nasceu na Bahia e mora em Salvador com sua família. A escritora luta pela conscientização da sociedade em relação à questão da pedofilia. Ao final da obra a autora relata que sofreu abuso sexual. Neste livro é narrada a história de duas meninas de seis anos, que são amigas. Alice, descrita como uma menina esperta, curiosa que demonstra ter informação sobre atitudes de pessoas adultas e sobre violência. A outra personagem é Adriana, mais quieta, não gosta de conversar, mas um dia ela tomou coragem e desabafou para Alice que seu “tio” brincava de “coisa” de gente adulta com ela. E, assim, a narração vai abordando o assunto abuso sexual de forma sensível. O livro é narrado por meio de linguagem verbal, com uso de ilustrações, uma forma de deixar a obra mais atrativa para o público infantil.

Conversa de menina com menina: análise do livro “Segredo segredíssimo”

O livro é apresentado com cores vibrantes, observamos desde a capa imagens relacionadas ao universo infantil, representado pela presença de diferentes brinquedos. Chama a atenção os traços tristes e desfigurados das bonecas. A boneca principal está com as mãos tampando a boca, essa ação é uma comparação com o ato da agressão, em que o abusador pode impedir fisicamente que a vítima solicite ajuda, grite. Outra observação é que o agressor por meio de ameaças sem contato físico manipula a vítima para ela continuar calada, sem denunciar a violência sexual cometida. Essa boneca é uma representação da consequência do crime, em que o agressor trata o indivíduo como um objeto.

Imagem 01



Fonte: Livro **Segredo segredíssimo**

Para Ribeiro (p.9, 2014) “entre a vítima e o agressor é estabelecida uma comunicação perversa que tem por objetivo ocultar, confundir, amedrontar e manter o poder através do silêncio”. Observando os traços da boneca, fisicamente ela lembra a personagem de Monteiro Lobato Emília do Sítio do Pica-Pau-amarelo, porém, a personagem do autor Monteiro é uma boneca falante, esperta, alegre, que se comunica bastante, mas a boneca da capa do livro não tem boca, sem voz, não se comunica, diferentemente de Emília. Podemos analisar que essa boneca da capa é uma apresentação da construção de uma barreira de silêncio que pode surgir após a agressão, representação das crianças que por causa do medo e/ou falta de informação se calam.

Na contra capa, a ilustração é uma casa com um cachorro no teto, ambos simbolizam a proteção do lar, de afeto. Para Chevalier e Chebrant (1906, p.197) “casa é também um símbolo feminino, com sentido de refúgio, de mãe, de proteção,

de seio materno”, ambiente que é relatado onde ocorre o abuso rompendo essa ideia de proteção, de afeto.

No início do livro, a autora inicia a história com a expressão “Era uma vez e não era uma vez” (BARROS, 2011, p.4), podemos analisar que se trata de uma relação com a forma como é tratado, o abuso sexual, o estupro, a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Há um silêncio da sociedade sobre o assunto como se não existisse, como se fosse um conto de fadas, algo ficcional que as vítimas podem ter inventado, pois se trata de um crime cometido contra menores, consideradas, comumente, seres de imaginação fértil.

O enredo apresenta narrador de 3ª pessoa, que conhece as personagens, as suas emoções, seus pensamentos, os sentimentos, até mesmo os medos, das duas amigas. No início há na história uma frase geralmente usada nos contos de fadas, tradicionalmente destinado às crianças. A negação que acompanha a expressão “Era uma vez”, ou seja, “não era uma vez” empregada no conto pode sugerir que se trate de uma história infantil que se aproxima dos contos de fadas, mas que, ao mesmo tempo, se distancia, uma vez que aborda um tema real, do cotidiano de muitas crianças, também pode apontar para o fato de que o acontecimento narrado ocorre sempre. É importante esse contato das crianças e dos adolescentes com obras que abordem temas como a violência sexual, para que, de acordo com especialistas, as crianças sejam inseridas na realidade da sociedade e não apenas no mundo de faz de conta.

Nesse livro, as ilustrações complementam o enredo, ampliando os sentidos. Estão marcadas por cores fortes que chamam a atenção do leitor. O desenrolar do enredo ocorre predominantemente na casa das personagens. O primeiro espaço focalizado é a casa da personagem Alice. Trata-se de uma menina esperta, que tem conhecimentos sobre a sociedade, informada sobre a realidade que a cerca: “quando tinha seis anos, Alice já entendia um montão de coisas” (BARROS, 2011, p. 6). As ilustrações do livro levam a compreensão de que a menina tinha acesso à leitura, meios tecnológicos e diversas brincadeiras. Porém, Alice permanece com a inocência de criança: “gostava de se sentir pequenininha e aí, ela fingia que não entendi as coisas” (BARROS, 2011,p.7). As ilustrações no início do livro sugerem que Alice vive em um ambiente alegre, feliz e lúdico.

Já a casa da outra personagem, Adriana, amiga de Alice, o espaço apresenta ilustrações marcadas por cores frias, demonstrando que a menina está sofrendo em silêncio, isolada. A todo instante segura sua boneca que não tem boca e na capa essa mesma boneca está com as mãos cobrindo a boca, sem voz, sem poder se comunicar, uma representação das crianças, dos adolescentes que sofrem desse crime, mas ficam em silêncio, seja por falta de informação, seja por medo.

Quando falamos violência sexual, a sociedade na maioria das vezes relaciona o ato aos menos privilegiados, pobres, negros que moram em comunidades carentes. Representação, infelizmente, decorrente do preconceito e da desigualdade social que predomina em nosso país. Mas, quando se trata de violência sexual não existe uma condição que afirma que apenas um determinado grupo pode sofrer esse crime, todas as crianças, mulheres, homens estão correndo risco de sofrer algum tipo de violência, a autora apresenta duas amigas de etnias diferentes, Adriana uma menina branca e Alice uma menina negra. A obra, no entanto, rompe com a visão preconceituosa, que associa à violência sexual a grupos marginalizados como os negros, uma vez que no livro quem sofre a violência é a menina branca.

O que mais dificulta no combate ao abuso sexual, segundo Aded (2006) é a falta de denúncia por parte da vítima e/ou parentes. Outro aspecto que limita o

combate à violência é o despreparo dos profissionais que muitas vezes não acreditam nos relatos da vítima para assim proteger as crianças. Para esse desabafo acontecer, à vítima dever se sentir segura e confiante com o ouvinte. Adriana desabafa com sua amiga Alice o que está angustiando-a, “[...] Alice, posso te contar um segredo, segredísssimo?” (BARROS, 2011, p.14). Surge um narrador em 3ª pessoa que relata o que a personagem vítima de abuso sofreu: “Adriana contou que o “tio” que entrega balinha para elas não é uma pessoa boa, o “tio” quer sempre fazer brincadeira de adulto com ela”. A expressão “brincadeira de adulto” usada pela menina pode estar se referindo ao toque físico, beijo, carícias, atitudes que, segundo Moreschi (2018), corresponde ao abuso sexual. A menina mesmo sem entender que se tratava de um abuso, de um crime, sentia-se incomodada de modo que a agressão interferiu no relacionamento saudável com a amiga, ela não conseguia sorrir, conversar livremente, a crueldade desse crime estava marcando a infância dela, percebemos isso analisando as ilustrações.

Podemos analisar que esse “tio” pode ou não se tratar de um parente, o abusador ou é membro ou é um conhecido da família, uma vez que tem acesso à casa da personagem. Esse termo “tio” muitas vezes é a forma carinhosa que as crianças chamam uma pessoa conhecida. O fato é que ele adentra a casa da menina e possivelmente a família trata-o com confiança, não desconfiando de nada. Esse abuso relatado pela menina consiste numa modalidade de violência sexual intrafamiliar cometida contra menores em que o abusador é um conhecido, amigo, vizinho, podendo ser também um parente.

A personagem estava vivenciando uma situação de abuso sexual: “tudo que ela queria era se esconder dele e nunca mais fazer nada de brincadeira de adulto” (BARROS, 2011, p.20). As vítimas geralmente sentem-se culpadas, por não entenderem sobre o que se trata. O abusador manipula a vítima passando a ideia que ela provocou o ato. Em uma das imagens do livro a ilustração expressa o medo da menina que se encontra debaixo da cama, enquanto aparece o homem abrindo a porta do quarto no escuro, usando terno. (BARROS, 2011, p.22).

Imagem 02



Fonte: Livro **Segredo segredísssimo**

Nesta ilustração as vestimentas da personagem masculina sugerem que ele pertence a uma classe social abastada, uma vez que entra no quarto da menina de terno e gravata.

Com o desabafo da garota, Alice orienta que Adriana não tenha medo e conte tudo para a sua mãe, e, assim, com coragem Adriana relatou para sua mãe o que estava acontecendo. Quando a vítima toma coragem e sente-se segura para desabafar é importante que o ouvinte acredite e conforte-a, a mãe dela disse que “entendia porque Adriana estava tão triste e angustiada. E a mãe contou que aquilo já tinha acontecido com outras crianças...” (BARROS, 2011, p.24), a narradora narra todos os acontecimentos, as emoções e dores das personagens, em uma linguagem simples, resumida, sem muitos detalhes, mas ao mesmo tempo informativa, mostrando a segurança da menina ao relatar sobre o que está acontecendo, e

demonstrando que a criança não tem culpa do que aconteceu, “quem tinha feito tudo errado foi o “tio” depravado”. (BARROS, 2011, p.25). A criança que ouvir essa história poderá se identificar, tomar coragem e desabafar.

No final do livro aparece a ilustração da mãe desenhando um sorriso na boneca, sugerindo que agora ela pode falar livremente. Há também uma imagem do abusador saindo da casa segurando uma mala. Há também uma ilustração com as meninas e a boneca sorrindo em um ambiente com cores fortes e vibrantes: “e Adriana e Alice nunca mais tiveram medo de nada” (BARROS, 2011, p.29).

Nesse livro a autora aborda o abuso sexual, os medos das crianças e como elas devem agir em situação semelhante. Observamos que a linguagem é simples, concisa para falar sobre o abuso sexual. As ilustrações apresentam cores fortes, vibrantes, para chamar a atenção da criança. No final do livro a autora apresenta jogos de perguntas sobre o abuso sexual para ser trabalhado com as crianças, podendo assim ser usado pelos pais ou educadores. Logo, percebemos que há na obra um forte interesse em transmitir conhecimento e informação sobre o abuso sexual. Assim, mesmo lançando mão de imagens criativas e uma linguagem próxima do universo infantil, predomina a preocupação didática.

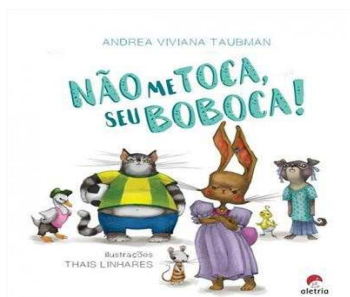
Breve resumo do livro “NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!”, de Andrea Viviana Taubman

O livro *Não me toca, seu boboca!* foi escrito por Andrea Viviana Taubman. Ela nasceu em Buenos Aires, mas mora no Brasil, trabalhou voluntariamente num abrigo para crianças e adolescentes no Rio de Janeiro. Nesse lugar, veio à inspiração para construção dessa obra para o público infantil. Nesse livro, a autora conta a história de uma coelha, que se chama Rita. Ela e seus amigos que também são animais conheceram um novo vizinho, um lobo que aparentava ser amigável, alegre, e que se chama Tio Pipoca. Ele tentava agradar os amigos de Rita e um dia convidou a turma toda para que fosse visitá-lo em sua casa. Nessa visita, o Tio Pipoca aproveitou a distração dos amigos e ao ficar sozinho com Rita começou acariciá-la. Com esse comportamento, o personagem lobo demonstra quem realmente é, bem como, seu objetivo ao trazer as crianças para a sua casa. O enredo, de maneira didática, passa a abordar a violência sexual contra a criança. Observamos que a autora passa também a investir no caráter de ensinamento que ganha espaço na obra a partir deste momento do livro, para abordar sobre a violência sexual.

A voz de uma criança: análise do livro “NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!”

A capa e as ilustrações foram feitas por Thais Linhares, do Rio de Janeiro, formada pelo SENAI e pela Escola Nacional de Belas Artes, UFRJ. Na capa predominam tons de cor branca e verde, demonstrando uma delicadeza e harmonia em preparação para a narração, ao mesmo tempo traz um destaque para o título que está escrito em letras maiúsculas, sugerindo um grito de alguém. As personagens estão em destaque na capa, animais representando crianças, como em uma fábula, com uma expressão facial de raiva. Podemos interpretar que estão representando as crianças indignadas com os agressores que cometem violência sexual.

Imagem 03



Fonte: Livro **NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA**

O que também chama a atenção são os detalhes de cor cinza, desenhos de flores e borboletas, que são geralmente de cores fortes e vibrantes, mas que no livro as cores são neutras, quase transparente, em cores de branco e cinza. Podemos analisar que quando o agressor comete algum tipo de violência sexual com qualquer pessoa, ele desfigura o colorido da vida da vítima, trazendo traumas, insegurança e medo. Essas representações se desenrolam no decorrer da narrativa.

No início do livro é apresentada a personagem principal, em um espaço indefinido que tem as ilustrações com traços desfigurados, mesmo abordando um assunto polêmico. O livro é composto por elementos literários, personagens que envolvem a imaginação do leitor, com palavras que rimam e podem estimular a leitura.

Nessa obra os acontecimentos são apresentados por um narrador-personagem, pela Rita, que os amigos chamam de Ritoca. A narradora de acordo com as suas lembranças, memórias vai expondo o que ocorreu com ela. A personagem é um animal, uma coelha que representa uma menina que sofreu violência sexual: “Eu tenho uma história para contar. Foi uma coisa que me aconteceu, meio difícil de entender, muito difícil de falar” (TAUBMAN, 2017, p.5). Podemos perceber que a narradora tenta construir um diálogo com o leitor. Rita mostra as situações que geraram medo, e como se comportar diante dessas circunstâncias seja em casa, na rua ou em outros lugares. Com esse relato, ela demonstra suas confusões internas, o quanto é difícil de lidar com essa violência e, principalmente, porque as vítimas precisam confiar no ouvinte para então conseguir desabafar.

A narradora-personagem representa o agressor por meio de características positivas, como um homem gentil, engraçado, sorridente, que aparentava ser um indivíduo bondoso, que gostava de criança: “[...] vivia rondando o parquinho, querendo se aproximar da gente” (TAUBMAN, 2017, p.6). Esse agressor é representado na história por um lobo, sua vestimenta é uma pele de cordeiro, uma comparação com os personagens das fábulas, uma ilustração que remete ao caráter dissimulado do lobo nas narrativas infantis, aparência de bonzinho e interior malvado, no entanto o cordeiro é apresentado nas histórias infantis com o caráter bondoso. Nessa obra o lobo aproximou-se de Rita e dos seus amigos tentando ter um vínculo de amizade, “[...] pode me chamar de Tio Pipoca” (TAUBMAN, 2017, p.9). Para conquistar a criança, às vezes o agressor coloca-se como “coitadinho”: “ele contou que não tinha família, se sentia abandonado, vivia na solidão” (TAUBMAN, 2017, p.10). Ele tenta também chamar a atenção das crianças, demonstrando alegria e liberdade, “disse ainda que adorava menino levado, gostava de videogame e futebol de botão” (TAUBMAN, 2017, p.10), apresentando uma máscara de um homem manipulador, que tenta mostrar que entende as crianças, tentando suprir as tristezas, até mesmo carências e dúvidas das vítimas.

O personagem Tio Pipoca representado por um lobo é uma comparação com o homem que viola os direitos das crianças, praticando o abuso sexual. Para não levantar suspeitas, ele enganou as crianças para que elas fossem visitá-lo na sua casa, “mas tinha uma condição: pediu a cada um que não contasse pra ninguém, de jeito nenhum!” (TAUBMAN, 2017, p.13).

Imagem04



Fonte: Livro **NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!**

Ele se aproveitou da confiança adquirida e induziu as crianças a mentir para os pais, mas Rita ficou desconfiada. A autora aborda descrevendo os momentos o que poderia acontecer na realidade, com isso o leitor pode associar com algo do seu cotidiano e identificar se está passando por algum tipo de violência sexual. O Tio Pipoca planejou como ocorreria o abuso sexual. Quando os amigos de Rita estavam distraídos com a música, ele tentou ficar sozinho com a coelhinha, começou então a elogiar, “você é bem bonitinha...” (TAUBMAN, 2017, p.17), tocando na menina sem permissão, com toques impróprios. A coelhinha Rita representando as meninas que sofreram abuso sexual relata: “mexeu na minha orelha para ver o brinco que eu tinha. Quis olhar a minha boca “pra ver se faltava dente”, foi pegando no meu pescoço, pedindo que eu não fizesse alvoroço, “é só pra ver o pingente pendurado na corrente” (TAUBMAN, 2017, p.18). O lobo começou a abusá-la por meio de toques, esse relato é uma comparação aos toques sexuais aproveitando da fragilidade da coelha, tocando em partes sensíveis, tentando estimular Rita para um possível ato sexual, como o livro é para o público infantil os relatos são lúdicos e sutis, mas podemos perceber, por meio da pontuação, na construção de diálogo entre os dois, nas ilustrações com cores fortes, em tons escuros, a alusão ao abuso. A forma que ele pega a orelha da coelha, o desconforto que ela aparenta estar sentindo mostra as emoções e os medos que ela estava sentindo, comparação com uma menina que nessa situação sentiria esse desconforto: “Foi aí que percebi: eu estava sendo imprudente! Meu corpo é um tesouro que trato cuidadosamente. Se for de um jeito suspeito, ninguém deve tocar na gente! Então comecei a gritar, para a turma toda se ligar: NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!” (TAUBMAN, 2017, p.21). A enunciação da personagem infantil traz o discurso do adulto sobre o que é abuso sexual e a importância do respeito e cuidado com o próprio corpo.

Com o grito da personagem Rita, os amigos começaram a correr fugindo do Tio Pipoca e escaparam de sofrer abuso sexual. A informação sobre a violência sexual quando tratada de forma adequada auxilia na denúncia de abuso sexual. Nos textos estudados sobre o abuso, os estudiosos apresentam que a maior dificuldade do combate a este crime é a falta de denúncia. Quando a personagem grita: “[...] NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!” (TAUBMAN, 2017, p.21), os seus amigos são alertados do risco e como forma de se proteger saem de perto do abusador, quando uma criança é informada sobre os riscos ela tem mais chance de conversar com alguém mais próxima sobre o caso, e até mesmo podendo evitar que ocorra esse abuso sexual, o diálogo sobre os tipos de violências é a principal ferramenta para auxiliar ao combate a esse crime.

Nesse livro a autora também aborda sobre a culpa que a vítima pode sentir por causa do abuso, “fiquei envergonhada... tive medo de achassem que era eu a culpada” (TAUBMAN, 2017, p.25), a sociedade não sabe lidar com situações assim, como tem poucas discussões sobre violência sexual com a população, o assunto permanece como um tabu. Nas últimas páginas, da 29 a 35, a fala da personagem assume um discurso de orientação marcadamente pedagógico:

Se te acontecer
Alguma coisa parecida
Com o que vivi, saia
Berrando e contando,
Pedindo ajuda:
Faça o que eu fiz!
(TAUBMAN, 2017, p.33).

Percebemos que o caráter didático e informativo intensifica-se. Ao contrário do texto literário infantil, segundo Azevedo, este viés com ênfase no conhecimento objetivo, didático e utilitário, caracteriza o livro paradidático.

O livro em estudo apresenta também referências sobre as organizações que lutam contra a violência sexual e onde o leitor pode fazer a denúncia.

Imagem05



Fonte: livro “NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!

Essas informações são abordadas diretamente ao leitor de forma esclarecedora. Dessa maneira, podemos analisar que esse livro apresenta aspectos de textos que tem a preocupação com a informatividade, marca dos livros paradidáticos, com o intuito de ensinar algo, deixando em segundo plano a construção literária ficcional. Porém, essa característica não diminui a sua importância em abordar sobre abuso sexual.

5 - DO LITERÁRIO AO PARADIDÁTICO NAS OBRAS ESTUDADAS

Analisamos três obras direcionadas ao público infanto-juvenil que tratam de abuso sexual. No texto “O Abraço” a autora Lygia Bojunga aborda o estupro por meio de uma narração intimista, apresentando as memórias da personagem, fazendo com que o leitor se envolva com a situação, até mesmo que ele consiga construir todos os espaços que em alguns momentos não são apresentados com clareza. A construção literária se dá por meio de um enredo que apresenta um tom de mistério, linguagem rica em metáforas e símbolos. Na obra “Segredo segredíssimo” a autora Odívia Barros aborda o abuso sexual a partir de uma

perspectiva pedagogizante, a narrativa está centrada na voz do narrador, havendo pouco investimento nas falas das personagens, o que poderia favorecer uma interação mais efetiva do leitor com o universo interior das personagens. Predomina no livro o tom de informação sobre o abuso sexual de forma resumida e direta, leitura adequada para o público infantil, mas que poderia investir mais em um trabalho criativo com a linguagem para despertar o interesse e a curiosidade do leitor.

Nessas duas obras as personagens são apresentadas como pessoas que não têm conhecimento sobre violência sexual, ambas constroem uma autodefesa, devido ao medo e suas dúvidas internas sobre o que ocorreu, resultando em uma grande barreira de silêncio, Cristina passou dez anos para conseguir falar sobre o corrido, Adriana aos oito anos consegue desabafar para mãe, mas ainda com medo e insegurança.

Observamos também que nas duas obras as personagens precisaram ter um contato com alguém próximo para desabafar. Em “O Abraço”, Clarice apresenta ter mais conhecimento sobre o crime, em uma fala dolorosa, de indignação, desabafa seus pensamentos, conceitos sobre o ocorrido, ela aparenta ter sofrido abuso sexual, essa personagem representa o ouvinte que Cristina desabafou o crime, o mesmo ocorre em “Segredo segredíssimo”, na qual Alice apresenta ter conhecimento sobre essa situação mesmo que não entenda que se trata de um crime e o que realmente seja abuso sexual, ela entende que determinadas atitudes dos adultos não devem ser dirigidas às crianças, com essa breve compreensão ela consegue encorajar sua amiga Adriana para desabafar, fazendo o papel de ouvinte. O desabafo das personagens com as amigas reforça o que apontam as pesquisas sobre abuso sexual, ou seja, que quando é construído um diálogo por meio da confiança com alguém, a vítima sente acolhida e segura para desabafar o abuso que sofreu, quando não ocorreu esse contexto seguro, a vítima prefere sofrer sozinha e o silêncio representa a ferramenta para um esquecimento, porém esse trauma muitas vezes traz consequências, prejudicando a questão do convívio social e a saúde mental. Porém, na construção literária o “O Abraço” apresenta uma narrativa com linguagem literária, no livro “Não me toca, seu boboca” conseguimos também observar uma linguagem mais poética.

Na obra “Não me toca seu boboca!”, o relato é construído por meio de uma narradora-personagem que apresenta um desabafo como orientação para o leitor. Observamos que o projeto gráfico do livro (ilustrações, fontes escolhidas, diálogo sobre o abuso sexual, de forma lúdica com uso de animais, dentre outros recursos) mostra-se instigante, mas predomina na obra uma linha informativa, preocupada em ensinar na linha dos paradidáticos.

Observa-se que o projeto editorial mostra-se instigante, mas predomina no livro uma linha informativa, preocupada em ensinar, comprometendo a elaboração literária

A narração é produzida por meio de um texto estruturado em versos e a exploração de rimas. Nessa obra a personagem representa uma garota que tem voz e desenvolve uma autonomia, uma criança que está orientada por meio de suas experiências traumáticas de abuso sexual, mesmo não entendendo necessariamente do que se trata esse crime, ajudando outras crianças que podem ser vítimas desse crime de violência sexual.

A construção literária dessas três obras apresentou uma preocupação em construir um envolvimento do personagem com o leitor, de forma que se construa um diálogo de desabafo, mesmo que nas obras *Segredo Segredíssimo* e *Não me*

toca, seu boboca! predomine o discurso didático e informativo característico dos paradidáticos são leituras interessantes que devem ser levadas para a sala de aula. Observamos também nas obras que o agressor é apresentado como um indivíduo comum da sociedade, que nas três obras permanece impune, seja por se tratar de um agressor que tem vínculo de proximidade intrafamiliar com a vítima, como é sugerido em “Segredo segredíssimo”, seja pela falta de denúncia como acontece nas duas outras obras. Desmitifica essa visão que o abusador terá característica externas que irá mostrar suas reais intenções, também apresenta que esse agressor não dependerá de sua classe social para cometer o ato criminoso sexual.

Para Zilberman (1987), denomina-se Literatura Infantil as obras que apresentam aspectos literários: presença do maravilhoso; enunciação da criança; investimento na linguagem lúdica e poética, características que encontramos na obra *O Abraço*. As obras *Segredo segredíssimo* e *NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA!* são exemplos de livros paradidáticos que apresentam alguns traços literários, mas predomina o viés informativo, preocupado em orientar sobre o abuso sexual. Com o propósito de abordar questões sociais que auxiliem as crianças no seu desenvolvimento social e na sua proteção na sociedade, o livro paradidático investe mais no caráter didático.

6 CONSIDERAÇÃO FINAIS

A maioria dos estudos sobre violência sexual contra a criança enfatiza que a informação é a melhor forma de prevenção. Nesse sentido, é importante saber como lidar com essa temática e tratá-la de forma que a criança entenda. Para os estudiosos também a melhor maneira de lidar com esses assuntos é o meio lúdico.

Com base nesses estudos, o presente trabalho vem ressaltar a importância da literatura infantil e juvenil como leitura capaz de possibilitar a criança o conhecimento a respeito de temas da nossa realidade social, como a questão do abuso sexual.

Nas análises percebemos que os livros selecionados para estudo *O abraço*, de Lygia Bojunga Nunes, *Segredo, segredíssimo*, de Odívia Barros e *Não me toca, seu boboca!*, de Andrea Viviana Taubman tratam o referido tema de maneiras diferentes. Ora por um viés mais estético, ora investindo no viés didático e informativo.

É importante destacar que mesmo nos dois livros, *Segredo, segredíssimo* e *Não me toca, seu boboca!*, onde predomina a intenção didática, este caráter pedagógico abre espaço para uma reflexão importante de maneira criativa, possibilitando ao leitor refletir e ampliar a visão sobre a temática abordada. Nos três livros há uma visão lúdica e crítica a partir da relação entre imagem e palavra.

Identificou-se também que as obras mostram a criança como inocente e vítima, enquanto o abusador aparece representado na maioria dos livros como um ser estranho e perverso (“homem das águas”, “lobo em pele de cordeiro”), mas ao decorrer da leitura podemos observar que o abusador é também apresentado como um homem normal, com base nos textos que estudamos para analisar essas obras, o abusador não tem uma determinada característica que irá auxiliar para que qualquer uma pessoa consiga identificar, geralmente, o abusador não demonstram o que são capazes de fazer. Por isso, o diálogo é apresentado como uma ferramenta auxiliadora: para ocorrer a denúncia, a vítima precisa se pronunciar, o silêncio resulta numa complicação para a identificação, os agressores, que conseguem com facilidade enganar os familiares e também até as autoridades e ficam impune,

apresentado risco para vítima e as pessoas à sua volta. Com a denúncia por parte da vítima o caso será identificado e investigado, buscando prova para incriminar o agressor.

O abuso sexual é um tema delicado e doloroso. Mediante os nossos estudos, conseguimos entender o quão complicado abordar esse tema e quão difícil é encontrar obras que tratem desse crime de forma lúdica e instigante para crianças e adolescentes. As obras abordam o tema de forma informativa, conseguem exercer o que foi proposto: informar as crianças sobre abuso sexual, mas em critério literários não apresentam uma estrutura poética, estimulante que possa incentivar a uma leitura crítica.

Outro aspecto importante nas obras estudadas é a ênfase no diálogo, seja das crianças com seus amigos, seja das crianças com os adultos, como forma de resolver os próprios problemas, por mais difíceis que pareçam. O diálogo é uma ferramenta apresentada pelos estudiosos como forma de auxiliar na denúncia do abuso sexual, a vítima precisa sentir-se segura e acolhedora para então expressar suas inquietações e a violência sexual sofrida.

Este trabalho mostra também a necessidade de novas pesquisas sobre a leitura de livros que abordam sobre a violência sexual, assim como outros temas delicados, pois assim, entendemos que para além do incentivo à prática da leitura desde cedo, pode-se capacitar leitores conscientes e com uma formação crítica que pode focalizar, prioritariamente, o processo de amadurecimento das crianças.

7- REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Abuso sexual contra criança e adolescentes**. Petrópolis, RJ: Editora Autores & Agentes & Associado, 2002.

ADED, Naura Liane de Oliveira.et. al. **Abuso sexual em crianças e adolescentes: revista de 100 anos de literatura**. 2006.

AZEVEDO, Ricardo. **Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias**. USP: 1998.

_____. **Presença Pedagógica** - Belo Horizonte - Editora Dimensão - Nº 27 - mai/jun. 1999.

AZEVEDO, Fernando. **Literatura Infantil e Leitores. Da Teoria às Práticas**. Universidade do Minho: Lulu Pess, 2014.

BARROS, Odívia. **Segredo segredíssimo**. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

BARROS, Taubman, Andrea Viviana. **Não me toca, seu boboca!**. Belo horizonte: Aletria, 2017

BOJUNGA, Lygia. **O Abraço**. 4ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

Boletim Epidemiológico. **Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017**-Ministério da Saúde - n.27, p. 1-17, Jun. 2018.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 16 mar. 2019. Acesso em: 12 de fev. 2019.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas 2000.

CADERMOTI, Lígia. **O que é Literatura infantil**. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 2ed. Trad. Vera da Costa Silva, ET al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

COSTA, João de Jesus. **Rompendo o Silêncio**. São Luis: CEDCA; Centro de defesa Pe. Marcos Passerini; Procuradoria Geral da Justiça, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria & Prática**. São Paulo: Ática, 1987.

FARIAS, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FMUSP, 2009. Ribeiro, Renata Cristina Silva. **Violência sexual e conselho tutelar: uma revisão sistemática de literatura**. Brasília: UCB, 2014.

GANCHO, Cândida Vilarés. **Como analisar narrativas**. Série princípios. 7ed. JAGUARIBE. Beatriz. **Modernidade cultural e estéticas do realismo**. In: ECO-PÓS- v.9, n.1, janeiro-julho 2006, pp.222-24

MORALES, Álvaro E.; SCHRAMM, Fermin. **A moralidade do abuso sexual**. Departamento de ciências sociais, Escola Nacional da Saúde pública, Fundação Oswaldo Cruz. Maginhos, Rio de Janeiro: 2002.

MORESCHI, Marcia Teresinha. **Violência contra crianças e adolescentes: análise de cenário e propostas de políticas públicas**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

NASCIMENTO, Silvânia. A tarde. **Acusado de abuso sexual, padrasto de Eva Luana é investigado por outros crimes**. UOL: Bahia, 2019. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2037883-acusado-de-abuso-sexual-padrasto-de-eva-luana-e-investigado-por-outros-crimes>. Acesso em: 12 de fev. 2019.

Revista Crescer Online. **Brasil é o 11º no ranking de abuso e exploração sexual infantil**. Globo: 2009. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2019/01/brasil-e-o-11-no-ranking-de-abuso-e-exploracao-sexual-infantil-revela-relatorio-mundial.html>. Acesso em: 12 de fev. 2019.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **Literatura infanto- juvenil contemporânea: texto/contexto/caminhos/descaminhos**. Florianópolis, 1999.

SANTOS, Camila de O., FARIAS, Danielly A. V. de., ROCHA, Islânia L. **Violência contra crianças e adolescentes: análise sócio-histórica do desenvolvimento da violência no processo de socialização do homem.** Londrina PR: 2015.

SERAFIM, A.P.; SAFFI, F.;RIGONATLI, S.P.; CASOY,I.;BARROS, D.M. **Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de criança.** São Paulo: FMUSP, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1987.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre está ao meu lado, fortalecendo minha fé e os meus sonhos, por ser meu amigo e sonhar com essa conquista. Sou grata pelos anjos que Ele colocou em meu caminho, para que assim, a caminhada fosse mais “florida”. E a Maria por caminhar comigo nesse sonho de luta e conquista. Abba Pai, obrigada!

À minha mãe Ivonete, aos meus irmãos Leandro e Leonardo por confiar em mim, em permitir que eu “voasse” do sítio Salamandra até Campina Grande para lutar pelo meu sonho na UEPB, por entender minhas ausências em datas comemorativas e mesmo com dificuldades, tirava do que não tinha para o meu bem. Ao meu pai Francisco por toda dedicação, mesmo distante lutou para amenizar as minhas lutas. Aos meus avós Euclides e Maria por acreditarem no meu sonho, não esquecerei do presente: os meus primeiros livros de literatura e pelo todo amor, vocês sempre estarão marcado no meu coração. Eu os amo!

Ao meu noivo Ivanilson, pelo companheirismo, pelas orações, por toda compreensão e paciência, por acreditar em mim, pelo seu amor que muitas vezes foi ombro de lágrimas e motivação, ouvindo meus desabafos com carinho e atenção. Amo-te!

Nessa caminhada, Deus colocou anjos na minha vida para que eu tivesse morada, agradeço as famílias que me acolheram nesses 5 anos de curso em sua casa, em especial a minha irmã de coração, Andreza e Tia Vitória, por permitir que eu fizesse parte da família, pelos conselhos, pelo amor para comigo. Sou grata pela família que tenho.

À minha prima querida Joseane e sua avó, por me acolher em sua casa, me apoiando com um lugar para descansar, pelos conselhos, motivação e amor. Agradeço a todos os meus irmã(o)s que fazem parte do Grupo de Oração Jovens com Cristo da Renovação Carismática Católica, que em oração, com compreensão e amor, cuidaram de mim, em especial cito André, Carlos, Selma e Damiana, por serem sinais de Deus em minha vida.

Aos meus amigos e colegas que conquistei nessa jornada acadêmica, que torceram até o fim pela minha vitória (eles sabem quem são). Cito em especial as minhas amigas de curso Meirilane e Andréa por toda paciência, cuidado e amor, que amenizava as dores das dificuldades, foram sinais de Deus em minha vida. Ao meu querido grupo πSSIS por está ao meu lado, torcendo por mim, por todas as risadas compartilhadas. Cito em especial Ana Cristina, por todo conselho, motivação e amor. Deus honra os nossos esforços.

À professora Ana Lúcia, pela motivação, por ouvir meus desabafos com carinho, pelos conselhos, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

“Eu nunca sonhei sozinha!” Muito obrigada!